



A ERA DA TÉCNICA E MODOS DE EXISTÊNCIA NO CONTEMPORÂNEO

The Era of Technique and Modes of Existence in the Contemporary

SAMIRA MELETTI DA SILVA GOULART *

La Era de la Técnica y Modos de Existencia en lo Contemporáneo

ANA MARIA LOPEZ CALVO DE FEIJOO **

Resumo: Com o objetivo de esclarecer as principais determinações do nosso horizonte histórico e como elas aparecem nos modos de ser e estar do homem contemporâneo, realizamos pesquisa bibliográfica em uma Revisão Narrativa da Literatura. Guiados pela fenomenologia-hermenêutica de Heidegger, principalmente no seu texto *A questão da técnica*, seguimos nosso caminho na tentativa de uma apreensão mais originária dos sentidos que fundamentam nosso horizonte compreensivo. Considerando as reflexões de Bauman, em *Modernidade líquida*, e as análises de Duarte em *Vidas em risco*, propomo-nos a realizar uma caracterização da época contemporânea e descortinar outras possibilidades de compreensão da mesma, levando em consideração os modos de ser e estar do homem na cotidianidade mediana desta Era da técnica. Assim, pretendemos elencar elementos que tornem possível uma investigação psicológica inclinar-se sobre as questões sociais a partir das articulações historicamente constituídas na relação homem-mundo, superando as dicotomias vigentes entre uma interioridade psíquica e exterioridade social.

Palavras-chave: Psicologia social; Contemporaneidade; Heidegger; Bauman; Modernidade;

Abstract: In order to clarify the main determinations of our historical horizon and how they appear in the ways of being of contemporary man, we conducted a bibliographic research in a Narrative Review of Literature. Following Heidegger's phenomenology-hermeneutics, mainly in his text *The question concerning technology*, we followed our path in the attempt of a more originary apprehension of the senses that underlie our historical horizon. Considering Bauman's thoughts, in *Liquid Modernity*, and Duarte's analysis of *Lives at Risk*, we propose to characterize contemporary era and to discover other possibilities for understanding it, taking into account the modes of being of man in daily life of this Era of technique. We intend, therefore, to list elements to make it possible for a psychological investigation to approach on social issues based on the historically constituted articulations in the man-world relationship, overcoming the existing dichotomies between a psychic interiority and social exteriority.

Keywords: Social psychology; Contemporary; Heidegger; Bauman; Modernity

Resumen: Para esclarecer las principales determinaciones de nuestro horizonte histórico y cómo ellas se manifiestan en las formas de ser del hombre contemporáneo, realizamos una investigación bibliográfica en una Revisión Narrativa de la Literatura. Guiados por la fenomenología-hermenéutica de Heidegger, principalmente en su texto *La cuestión de la técnica*, seguimos nuestro camino en el intento de una aprehensión más original de los sentidos que subyacen nuestro horizonte histórico. Considerando las reflexiones de Bauman, en *Modernidad líquida*, y el análisis de Duarte sobre *Vidas en riesgo*, nos proponemos describir la época contemporánea y descubrir otras posibilidades de entenderla, teniendo en cuenta las formas de ser del hombre en la vida diaria de la técnica. Así, pretendemos enumerar elementos que permitan que una investigación psicológica reflexione sobre cuestiones sociales a partir de las articulaciones históricamente constituidas en la relación hombre-mundo, superando las dicotomías actuales entre una interioridad psíquica y exterioridad social.

Palabras-clave: Psicología social; Contemporáneo; Heidegger; Bauman; Modernidad.

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. Email: samira.goulart.sg@gmail.com
Orcid: 0000-0002-2023-6016

** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. Email: ana.maria.feijoo@gmail.com . Orcid: 0000-0002-3064-3635



Introdução

Neste estudo temos como objetivo ressaltar as principais determinações de nosso mundo e descrever o modo de ser do homem contemporâneo. Essa compreensão se torna imprescindível quando desde a Psicologia pretendemos encaminhar um esclarecimento que subtraia totalmente a perspectiva subjetivista, que posiciona o psiquismo como o lugar de mapeamento do comportamento humano. Pretendemos descrever o modo como o homem se constitui, para além de uma interioridade encapsulada, em sua indissociabilidade homem-mundo. Para tanto, recorreremos à filosofia, mais especificamente, a ontologia fundamental tal como elaborada por Martin Heidegger (1927/2005), e seguiremos, ainda com este filósofo, rumo à compreensão daquilo que ele denominou Era da técnica (1954/2007/2008) ao se referir às determinações que engendram modos de ser na relação homem-mundo. Uma vez compreendido aquilo que mais originariamente se encontra no solo que sustenta as expressões do homem em sua cotidianidade, partiremos para as considerações de Zygmunt Bauman (2001), sociólogo polonês, que esclarece com exemplos concretos o comportamento do homem no horizonte histórico moderno e contemporâneo. Para realizarmos uma interlocução entre Heidegger e Bauman, chamaremos a psicologia ao diálogo. À psicologia comprometida com o social interessa saber aquilo que no mundo dita a cadência na qual o homem deve se inserir. Uma vez esclarecido o tom que se imprime na determinação de modos de ser do homem contemporâneo, poderemos também encontrar caminhos possíveis rumo à libertação daquilo que engendra comportamentos. Com esse movimento pretendemos nos deslocar da ideia de que as fissuras psíquicas se encontram na interioridade psíquica para podermos pensar que os problemas existenciais se encontram justo naquilo que podemos chamar de arco intencional historicamente constituído.

Sabemos que articular posicionamentos ontológicos como os de Heidegger com os posicionamentos ônticos como os de Bauman traz críticas totalmente pertinentes. Por isso, ressaltamos que para aproximar as considerações acerca de uma proposta ontológica (que diz respeito ao ser e seu sentido), como a realizada por Heidegger, com as considerações ônticas (que diz respeito ao ente e sua realização fática cotidiana), apresentadas por Bauman, buscamos em Duarte (2010) inspiração de uma articulação do ontológico com o ôntico possível. A tentativa de articular esses dois posicionamentos de modo consistente é a principal contribuição do nosso estudo quando se pretende buscar em Heidegger elementos que possibilitem edificar um modo de pensar o social e suas determinações por meio da psicologia.

Em consonância às análises realizadas por Duarte (2010) entre a ontologia de Heidegger e a arqueologia e genealogia de Foucault, em seus diagnósticos filosóficos do presente, consideramos também possível um diálogo com as análises de Bauman sobre a modernidade e contemporaneidade, tendo em vista seu olhar sobre as múltiplas facetas desse horizonte histórico, e suas descrições dos modos de ser e de se relacionar dos homens desta época. Embora Bauman não realize uma ontologia, assim como Heidegger, ele também está interessado em compreender as formas de ser que os homens assumem nesse momento histórico, que têm suas especificidades e características determinantes, possibilitando a diferenciação em relação às épocas anteriores.

Nos últimos anos, pudemos acompanhar mudanças conjunturais que vêm afetando diretamente o modo de vida do homem. Observamos grandes avanços tecnológicos, maior rapidez das trocas de informação e comunicação, fluidez das relações humanas e profissionais, bem como a individualização da vigilância e da responsabilidade sobre o sucesso e/ou fracasso (Bauman, 1999, 2001; Birman, 2013; Foucault, 2005). Assistimos, ainda, a proliferação de ideais de controle, produtividade, saúde, sucesso, beleza e felicidade, que requerem do homem contemporâneo novos modos de ser e estar no mundo. Tais transformações parecem favorecer, cada vez mais, a perda dos limites e medidas outrora demarcados, e incentivar uma aceleração das rotinas, com a multiplicação de atividades (Bauman, 2001; Han, 2017).

Em síntese, a partir da observação ao modo de vida do homem no cotidiano, pretendemos esclarecer as principais características dessa época histórica e a existência que em meio a ela se realiza. Através dessa questão principal, alguns questionamentos emergem: O que caracteriza o nosso tempo histórico? Como o homem contemporâneo realiza sua existência nessa época?

Com o objetivo de chegar a uma compreensão das principais determinações do nosso horizonte epocal, como elas aparecem nos modos de ser e estar do homem contemporâneo, realizamos uma pesquisa bibliográfica, adotando como metodologia uma Revisão Narrativa da Literatura. Guiados pela fenomenologia-hermenêutica de Heidegger, principalmente no seu texto *A questão da técnica* (1954/2007, 2008), seguimos nosso caminho na tentativa de uma apreensão mais originária dos sentidos que fundamentam nosso horizonte



compreensivo. Somado a Bauman, em *Modernidade líquida* (2001), considerando também as análises de Duarte em *Vidas em risco* (2010), propomo-nos a realizar uma caracterização da época contemporânea e descortinar outras possibilidades de compreensão da mesma, levando em consideração as formas de ser do homem na cotidianidade mediana desta Era da técnica.

Tendo como norte a correlação originária homem-mundo e a fenomenologia-hermenêutica como bússola, faz-se então necessário primeiro nos aproximar desse mundo ao qual Heidegger caracteriza como a Era da técnica.

Heidegger: Era da técnica e suas Determinações

Ao tematizar o fenômeno histórico, o filósofo afirma: “verificamos precisamente em que sentido entendemos a caracterização ‘histórica’... Histórico diz aqui: tornar-se, surgir, ocorrer no tempo: uma caracterização que vai ao encontro de uma realidade” (Heidegger, 1920/2010, p. 33). E acrescenta: “Nós pensamos o histórico como o encontramos na vida; não na ciência histórica” (Heidegger, 1920/2010, p. 33).

Com isso o filósofo quer mostrar que o próprio pensar histórico já se insere em um pensamento que objetiva o mundo, o homem e sua existência, determinando nossa cultura. Segundo ele, o pensar histórico retrata já o furor moderno de conhecimento, controle e asseguramento de todas as coisas da vida. Heidegger (1920/2010) então afirma que é através do método fenomenológico que poderemos olhar os fenômenos históricos sem cair na objetivação e tentativa de contorno e asseguramento do pensamento calculante moderno, de modo a suspender as teorias já sedimentadas. Ele concebe o histórico, em termos da facticidade da vida, que se refere às possibilidades abertas nesse mundo, isto é, trata dos modos de ser possíveis de se realizar na experiência mais cotidiana e comum da vida.

Segundo Heidegger (1954/2008), desde a modernidade houve uma valorização da razão e destaque da ação e instrumentalidade do homem, como se ele fosse o responsável único por criar e produzir as coisas do mundo. Desta maneira, a noção atual da técnica enquanto instrumentalidade que carrega o princípio da causalidade (um fazer do homem que através de meios chega a um fim), fica reduzida ao estabelecimento de uma relação direta entre o homem, a ação que ele desempenha (meios) e a coisa produzida ou descoberta (efeito). A técnica fica assim reduzida a um operar, a um fazer, e mais especificamente, a um fazer do homem; e todo produzir (*poiésis*) fica reduzido a uma responsabilidade assumida pelo homem, que na modernidade é tomada já com um valor moral de culpa. Essa relação causal estabelecida pela consideração da causa eficiente como um fazer que opera um efeito (eficiência), aparece, conforme Heidegger (1954/2008), somente no mundo moderno.

Outra característica deste modo de desvelamento moderno é tomar a natureza, as coisas e o próprio homem não só como objetos do conhecimento e do cálculo, mas ainda como recursos disponíveis. Isto significa que tudo o que é tocado por esse modo se essencializa, é tomado como determinado e por isso passível de ser conhecido, controlado e armazenado. Essa disponibilidade caracteriza o mundo moderno, e se estende e intensifica na época contemporânea, sendo a realidade desvelada como subsistência, objeto e recurso disponível ao uso (seguro, contínuo e controlado). Essa é, portanto, a forma pela qual o homem apreende a si e os outros entes mundanos. E é, pois, este modo técnico de desvelar que permite as concreções existenciais tais como as vemos no cotidiano do mundo.

Na busca do homem pelo provocar e explorar a natureza e os demais entes, ele age cotidianamente ao modo do autômato, correspondendo à invocação desafiadora da *Gestell* (essência da técnica moderna), seguindo, em geral, os sentidos sedimentados no impessoal desta Era da técnica. De início e na maioria das vezes, o homem se encontra lançado ao cotidiano impessoal, em um modo impróprio de existência, impregnando-se dos sentidos da técnica e atendendo as suas exigências utilitárias como um autômato. Nesse modo impróprio, o homem se esquece do seu caráter de poder-ser, da sua copertença originária ao mundo. O pensamento sobre o sentido é obscurecido pelo pensamento calculante, que reduz a verdade e o conhecimento ao método, mantendo o homem na superficialidade daquilo que se mostra. Ao desocultar o real pelo desafio e exploração, o próprio homem é desafiado a se manter em uma operacionalização constante, e a existência se automatiza absorvida pelos desígnios do impessoal desse mundo técnico.

Conforme destaca Feijoo (2014, 2017), nesta época histórica, caracterizada por uma suposta autonomia do homem e pelo pensamento calculante, a ação humana está marcada por uma cadência de produção que desconhece medida e nunca cessa. Por isso, a autora fala de uma cadência marcadamente compulsiva, já que o homem age no cotidiano desse mundo de modo irrefletido e automatizado, em uma produção sem fim e finalidade, desconhecendo limites e realização/satisfação.

A Era da técnica descrita por Heidegger mostra, desta maneira, uma experiência histórica de sentido de verdade e conhecimento (técnico-científico) que afeta a vida humana das mais diferentes formas. A revelação desse modo determinante de pensamento e dessa relação com a natureza, as coisas do mundo e com o próprio homem, é uma das grandes contribuições do filósofo para pensarmos o mundo moderno e contemporâneo, sendo esse modo de desocultar moderno que diferencia esta Era da técnica das demais épocas históricas. Este modo de desvelar (o) mundo por meio do desafio e exploração, da tentativa de controle e domínio dos acontecimentos, ao modo da disponibilidade e em função da produtividade, marca, então, o horizonte histórico contemporâneo.



A partir dos apontamentos do filósofo sobre a época atual e da caracterização deste horizonte histórico como a Era da técnica, revelados seus principais sentidos e determinações, consideramos ser agora necessário refletir sobre a experiência fática da vida. Junto a outros estudiosos desta época, vamos ver como é viver nesse mundo tecnológico e científico da técnica, que tende a determinar a maioria das relações, seja consigo, os outros e a natureza.

Bauman: Uma Compreensão Ôntica do Modo de Vida Contemporâneo

É importante destacar que a escolha por chamar o tempo histórico presente de contemporaneidade visa apenas ressaltar que estamos interessados nos fenômenos atuais, dos quais somos contemporâneos, sem adentrar nas discussões acerca de suas diferentes denominações: contemporaneidade, hipermodernidade, pós-modernidade, modernidade líquida, modernidade tardia, Era da técnica, entre outras (Bauman, 2001; Duarte, 2010; Harvey, 1994; Heidegger, 1954/2007; Lipovetsky, 2004). O que se destaca importante nesta discussão é que todos esses autores, pensadores da época histórica atual, apesar das divergências de nomenclaturas e das significações a elas atribuídas, concordam que para estarmos no mundo tal como vivemos e nos comportamos hoje, algo começou já a partir de um momento anterior. Nesse sentido, a época presente é pensada sempre tendo como referência a modernidade, seja como um excesso, radicalização, liquefação, superação, oposição ou continuação da mesma.

De modo a empreender no propósito da compreensão do momento atual, junto a Bauman (2001), retomaremos de início algumas características modernas que, de uma forma ou de outra, dão base e caracterizam as discussões travadas sobre o contemporâneo. E seguiremos com uma breve recuperação histórica daquilo que o autor considera como a passagem da modernidade para a contemporaneidade, explicitando as principais marcas que fazem reflexos e caracterizam os modos de vida contemporâneos.

A era moderna se inaugura com a tentativa do homem de pôr ordem ao mundo a partir da razão, contrapondo-se à anterior ordem divina, buscando o controle e manipulação da natureza (Bauman, 1999). Nesse sentido, Bauman destaca que o que caracteriza a modernidade e, na verdade favoreceu a seu advento, foi a necessidade do homem de ordenar e construir um mundo estável, seguro e sólido, além de duradouro e previsível. Isso requeria esquadrihar e classificar a natureza e o próprio homem como objetos a serem manipulados, descobertos e explicados, permitindo, ainda, modificá-los e levá-los a um melhor resultado. A pesada modernidade, como nomeia o autor, foi a época de projetar e moldar a realidade a partir das emergentes ciências modernas, que passaram a intervir na natureza, no homem e na sociedade. Desta forma, a racionalidade técnico-científica tornou-se dominante, tendo na economia a base e fundamento para uma nova ordem, que abarcou todas as demais facetas da vida humana, com regras e controle rígido sobre os homens e a sociedade em geral.

O homem moderno, dividido em corpo e mente (razão), é tomado como sujeito (substancializado) e, assim, também como objeto a ser conhecido e investigado, de maneira a se constituírem saberes capazes de controlá-lo e manipulá-lo para extrair dele seu potencial máximo; ou seja, o homem se torna o sujeito da ação e também o produto/objeto de investigação/exploração (Bauman, 2001; Foucault, 1976/2005).

Podemos observar que Bauman (2001), como também Foucault (1976/2005), chama atenção para os discursos científicos e disciplinares que surgiram neste momento, colocando-se como absolutos donos do saber, tal como Heidegger também já destacara em sua meditação sobre a técnica. A ciência ganha destaque como aquela que tem o conhecimento sobre o homem e detém o método para a obtenção da verdade.

Segundo Bauman (2001), a sociedade disciplinar moderna se constituiu em uma sociedade de controle e instituições fortes e absolutas, que regulavam as condutas e corpos dos homens, controlando o tempo e o espaço. A imobilidade do espaço e o domínio do tempo representavam bem esse tipo de poder sobre os corpos. Na modernidade, o espaço é uma dimensão valorizada como poder, pois é estável, imóvel e inflexível, servindo, desta maneira, aos propósitos desse tempo histórico que valorizava o que era o maior, mais sólido e pesado.

Em sua busca de ordem, controle, previsão e conseqüente padronização (massificação e homogeneização das coisas e dos modos de ser), a modernidade passou ainda a rechaçar tudo o que era diferente, que destoava ou escapava ao controle, vistos como desordem e caos. Esta época se caracterizou pela atuação de instituições fortes, regimes de verdade rígidos, pelo controle do homem, da natureza e do espaço.

Bauman (2001), no entanto, defende que é exagero falar de um fim da modernidade, quando o que parece é que essa forma era apenas uma das versões possíveis da versátil sociedade moderna. Segundo o autor, ser moderno significa antes de tudo estar em movimento, não parar de produzir, fazer, criar, explorar, acumular... Contudo, destaca duas características que parecem tornar a situação de agora diferente da modernidade até aqui descrita: a primeira diz respeito ao declínio da crença de que há um objetivo final a ser alcançado e um estado pleno de felicidade, satisfação, conhecimento, ordem e equilíbrio; a segunda característica diz respeito à fragmentação e privatização dos direitos, tarefas e deveres que antes eram vistos como referentes a todos e agora são tidos como privados, de responsabilidade exclusiva dos indivíduos.

Para Bauman (2001), a emergência do homem enquanto sujeito individual e da responsabilidade in-



dividual configuram-se em uma importante mudança acontecida na modernidade e que permaneceu sendo intensificada ao longo da mesma, havendo a mudança dos discursos éticos políticos para o dos direitos humanos, o que garantiu o direito e dever de livres escolhas de acordo com as vontades individuais, acarretando, ao mesmo tempo, a maior responsabilidade sobre as suas consequências.

Apesar das mudanças da esfera social e política para a individual e privada, parece, contudo, que ambos os discursos são possibilidades que emergem em um mesmo horizonte da técnica, que toma todos os entes, inclusive o humano, como objetos passíveis de dominação e controle através da razão. Se, de início, um controle declaradamente realizado pelo outro (enquanto Estado, sociedade e instituições), agora um controle relegado ao próprio sujeito, que passa a ter de se responsabilizar individualmente por seus direitos e deveres.

Na modernidade, o processo de subjetivação e individualização se dava pela escolha de identidades consideradas naturais (homens, mulheres, pobres, ricos, operário, comerciante etc.), sustentadas pelo discurso de ordem e controle da sociedade disciplinar. A individualização, nesse sentido, serviu ao propósito do controle, típico dessa sociedade moderna, com o domínio dos sujeitos, tornados dóceis, educados, trabalhadores e produtivos, para obter resultados favoráveis aos valores da época. É comum que nesse processo de disciplina- rização os corpos sejam tomados como matéria-prima a serem desenvolvidas capacidades, potencialidades e aptidões, submetidos a um cálculo e estratégia de poder (Bauman, 2001; Duarte, 2010; Foucault, 1976/2005).

Podemos observar, contudo, que esses jogos de saber-poder foram sendo modificados a partir dos avanços científicos e tecnológicos, bem como do capitalismo, dando lugar a outras e renovadas racionalidades que passam a exercer igual e/ou superior influência sobre os processos de subjetivação (sobre os modos de vida) dos homens contemporâneos.

Bauman (2001) então designa o momento histórico que desponta como uma modernidade líquida, e justifica a utilização do termo como metáfora à flexibilização e fragmentação das antigas e sólidas instituições modernas, bem como a maior liberdade individual, maleabilidade, leveza e mobilidade que caracterizam este tempo. Aliado a essa maleabilidade, liberdade e lógica individualista, a contemporaneidade é caracterizada também por uma experiência de compressão espaço-temporal (Harvey, 1994) e aceleração das trocas, viabilizada pela revolução tecnológica ora em curso, somada à desregulamentação e privatização de tudo o que antes era tido como da sociedade.

Usando a fluidez dos líquidos como metáfora, Bauman (2001) descreve esse momento histórico como uma modernidade leve, adaptável, flexível, na qual a importância do tempo superou a ocupação espacial como caracterizadora das coisas e do próprio homem.

Toda esta flexibilização, individualização e privatização, destacadas por Bauman (2001), parecem, assim, favorecer a modos de existência mais agitados, produtivos, consumidores, competitivos, individualistas e favorecedores, que assumem para si a responsabilidade total pela feita do mundo e pelos seus sucessos e fracassos individuais. Tais modos de vida passam a assumir um ritmo cotidiano cada vez mais acelerado de produção, exploração, conhecimento e ação constantes, que já não encontram medidas ou parâmetros, nem mesmo uma satisfação e finalização de seus projetos e conquistas. Tudo permanece perene, sempre a espera e espreita de algo mais novo e original, mais veloz ou potente, a ser desenvolvido, consumido ou conquistado.

Rumo a uma Perspectiva Social na Psicologia: Uma Articulação Ontológico-Ôntico Possível

Como podemos observar, os sentidos cotidianamente compartilhados e os modos de vida dos homens modernos e contemporâneos parecem expressar, do ponto de vista ôntico, a provocação, exploração e tentativa de controle da natureza e do homem, referente ao modo de desvelamento que Heidegger (1954/2007) denominou de essência da técnica moderna, pautada em uma racionalidade instrumental e calculante. Assim, Heidegger (1954/2007) chama atenção para o que considera as principais características dessa época histórica: o obscurecimento do ser, cada vez mais tomado como ente; e o declínio do pensamento propriamente dito, cada vez mais dominado pelo cálculo.

Heidegger (1935, citado por Duarte, 2010) foi levado a pensar as características da modernidade, entendendo (em *Introdução à Metafísica*) este tempo histórico como determinado pelo esquecimento do ser. O filósofo afirma, então, que a metafísica sempre realizou uma determinada interpretação do ente e concepção de verdade, esquecendo-se da pergunta sobre o ser e seu sentido. Por isso ele designa a metafísica como a história do esquecimento do ser, aquela que tradicionalmente toma o ser equiparado ao ente, considerando o ser como algo que está simplesmente dado e presente, bem como a verdade como aquilo que se revela e é evidente. Heidegger considera, assim, que a tradição metafísica e seus fundamentos filosóficos sempre guiaram e determinaram a vida do homem, e seguem estabelecendo a essência de cada época histórica, confundindo-se, ela mesma, com a história do ser (Duarte, 2010; Magliano, 2019).

A modernidade surge, portanto, a partir de um novo projeto metafísico, que ganha expressão e disseminação pela ciência e técnica modernas. A metafísica moderna interpreta os entes enquanto objetos representados por um sujeito. Isso implica em uma concepção da verdade como a certeza da representação. Especialmente influenciada pelo pensamento de Descartes, a metafísica moderna transforma a relação do homem com o ser, para o qual não se busca mais o sentido e sim o objetiva. Há um obscurecimento da questão



do ser e o homem não pensa mais no sentido, adotando o modo de pensar da ciência, que Heidegger (1959) denomina calculante, e que concebe tudo como já dado e passível de mensuração. Com o cógito cartesiano, a razão do homem assume centralidade, passa a posicionar o mundo e os demais entes que vêm ao encontro, objetivando-os. Para os modernos, pensar passa a significar representar, isto é, objetivar o ente e colocá-lo diante do sujeito que o conhece e controla. A partir de então o real passa a ser apenas aquilo passível de objetivação e mensuração.

O próprio homem se vê, assim, transformado em sujeito do conhecimento, posto como substrato a partir do qual os objetos são posicionados, instaurando a concepção do homem enquanto sujeito, fundamento da verdade. Desta maneira, a vida humana passa a assumir uma centralidade em todas as esferas (econômica, política e tecnocientífica) e passa a ser a medida do mundo, tendo a razão como parâmetro de verdade e conhecimento. A verdade para a metafísica cartesiana é, portanto, uma certeza calculada na representação do homem (tido como fundamento subjetivo).

É interessante destacar que a verdade estabelecida é a do método, da técnica moderna, do pensamento que calcula, através do desafio da natureza e do próprio homem a dominar os recursos e a realidade em geral, distanciada que está da questão do sentido do ser e, assim, do sentido mais originário de verdade, enquanto *alétheia*, como aquilo que deixa vir à cena o que se apresenta.

Heidegger (1954/2007, 2008) aponta, contudo, que tal modo de desvelamento técnico e a objetivação do homem transformado em sujeito são uma destinação do homem moderno, o seu modo de apreender-se e se relacionar com o mundo. A época moderna é, assim, marcada por essa forma de desvelamento de mundo, determinada pela metafísica, que posiciona os parâmetros da relação do homem com o ser, através do obscurecimento do último e da tomada do ente como objeto do cálculo da razão e do controle técnico-científico. Esse seria, para o filósofo, “o fundamento metafísico que confere sentido e inteligibilidade ao nosso tempo” (Duarte, 2010, p. 19).

Como nos esclarece Duarte (2010), na filosofia de Heidegger as épocas históricas são determinadas por uma forma de desocultamento, isto é, de relação do homem com o ser e com o mundo, tendo a objetividade da modernidade sido cada vez mais transformada em disponibilidade na contemporaneidade, em vista de uma intensificação dos desígnios da técnica sobre a relação homem-mundo, isto é, em vista de a natureza e o próprio homem terem sido tomados não só como objetos de controle e de conhecimento, mas agora como subsistência, disponível ao domínio e cálculos da técnica. Heidegger pensa então o desenvolvimento técnico-científico, segundo Duarte (2010, p. 141), como destino do ser que se instaura na modernidade, designando, assim, um prolongamento e acentuação radical, através do qual a relação sujeito e objeto passa a ser absorvida pelo fluxo de produção, reprodução, consumo e descarte, considerando ambos, sujeito e objeto, como subsistências. O que importa agora não é apenas investigar os entes em suas propriedades e características objetivas, mas assegurar-se, através do cálculo e planejamento, das possibilidades de produção, incremento e destruição, tornando a ciência e a técnica cada vez mais intervencionistas. Desta maneira, conforme Duarte (2010), podemos observar uma radicalização da objetivação do homem e de sua transformação em sujeito, ao mesmo tempo individual e massificado.

A partir da compreensão do processo de subjetivação, intensificação da objetivação e individualização do homem, podemos verificar que tanto Heidegger quanto Bauman, em seus diferentes níveis de análise, ressaltam o papel de destaque assumido pelos discursos técnicos, científicos e disciplinares que se colocaram como absolutos donos do saber nessa época e que representam mais fidedignamente aquilo que Heidegger chamou de pensamento calculante.

A caracterização da modernidade e seus regimes de verdade pautados na racionalidade técnico-científica nos permite, ainda, refletir acerca de outro fenômeno apontado por Heidegger (1954/2007, 2008) - o desenraizamento do solo do pensamento. Com essa denominação, o filósofo está se referindo a um obscurecimento do mundo devido à perda do pensamento sobre o sentido do ser dos entes (que reflete a perda da questão do ser). O mundo se torna, assim, superficial, desenraizado, desprovido de meditação, visto que o homem, sob o domínio do cálculo, não pensa mais o sentido e essência das coisas. Deste modo, o homem se mantém em uma superfície, tomando quase tudo o que vem ao seu encontro como simplesmente dado e determinado e tomando a verdade como aquilo que se evidencia. Em meio a esse pensamento predominante no âmbito da ciência, perde-se a reflexão acerca do ser dos entes e das relações mais originárias de homem e mundo, bem como da verdade como desvelamento (*alétheia*). Assim, um mundo sem pensamento e reflexão, sem profundidade, é um mundo sem distinções, que obscurece as diferenças, um mundo planejado e nivelado de sentido, que favorece a homogeneização dos modos de ser.

Ao assumir o pensamento técnico calculante, o homem se esquece de outra possibilidade de lida com as coisas e passa a corresponder à provocação técnica de domínio e exploração dos entes, o que estimula a rapidez, velocidade e agitação cotidiana em meio às suas ocupações.

Prosseguindo em uma reflexão ontológica podemos ainda verificar, a partir do apontamento ôntico de Bauman (2001) sobre a principal característica moderna ser o seu movimento constante de modernização, que o movimento de estar sempre produzindo, acumulando e explorando foi também designado por Heidegger (1954/2007) em sua meditação sobre a técnica, quando fica claro o modo de desvelamento de mundo ao qual o homem moderno e contemporâneo corresponde. Ainda nesse aspecto, de acordo com Duarte (2010),



Heidegger também explicita tal movimento quando afirmou que a modernidade é uma época que se assume como nova, isto é, o próprio homem ocupa a posição de ser o posicionador de mundo, assume-se como o centro referencial da verdade e conhecimento, alcançados através do progresso técnico e científico. Nesse sentido, podemos pensar que a modernidade se caracterizaria sim por um processo de contínua modernização, na qual o homem ocupa a posição daquele que é centro e base, medida e referência de todos os entes, responsável supremo pelo desenvolvimento da humanidade. No ímpeto de sua autoafirmação como sujeito do conhecimento e de sua vontade de querer dominar, o homem se mantém em uma operacionalização da vida, ocupando-se do controle dos entes e afastando-se cada vez mais do ser. O homem é, assim, convocado a buscar compulsivamente um movimento e um fazer, que implica a criação e destruição (descarte) contínua de tudo o que ele toma pela frente. Desta forma, podemos refletir que o homem convocado a requerer ao modo do desafio e exploração pela essência da técnica moderna, assume-se como o dono da ação, sobretudo incesante, tomando-se como sujeito do conhecimento e da verdade.

Quanto ao declínio dos objetivos e da satisfação, verificados por Bauman (2001), podemos lembrar das causas aristotélicas e retomar Heidegger (1954/2007) em seu questionamento da técnica. Nela ficou claro que a causa eficiente ganha destaque na modernidade e as demais são obscurecidas. Assim, o declínio de objetivos, finalizações e satisfações pode ser pensado como o reflexo ôntico do obscurecimento das causas formais e finais, que leva a um estado de não finalização ou plenitude das coisas. Perdem-se as medidas e a realização. Concretamente, essa perda de limites e finalidades desafia o homem a um fazer e a uma produção constantes, que não conseguem alcançar um estado de satisfação plena e acabam por configurar uma cadência de ação que podemos chamar de compulsiva, já que constante, repetitiva, irrefletida e sem limites.

Em relação à segunda característica da época contemporânea verificada por Bauman (2001), acerca da privatização e fragmentação ocorridas nesse novo momento histórico, podemos pensar mais uma vez com Heidegger que, antes de se colocar como indivíduo ou coletivo, o ser-ai já se tomou como homem e como sujeito. E é na medida em que o homem se entende como sujeito/ substrato, a partir da metafísica moderna, que a escolha entre o individual e coletivo se impõe. Portanto, essas duas formas de se colocar no mundo são tardias quanto à consideração do homem como sujeito posicionador dos objetos e do mundo, e ainda mais tardias à sua condição originária de ser-no-mundo-com-os-outros. “Para Heidegger, o homem moderno que se assume como o herdeiro das luzes e do projeto humanista de emancipação da razão é ainda o mesmo homem que se concebe como *subjectum* individual ou coletivo” (Duarte, 2010, p. 32). Desta maneira, a modificação observada por Bauman nos modos de vida dos homens, que deixam de pensar e agir enquanto sociedade e coletividade e passam a se individualizar, não deixa de ser também apenas dois lados da mesma moeda, isto é, deste homem transformado em sujeito.

Do mesmo modo podemos refletir acerca da metáfora dos líquidos utilizada por Bauman (2001) para designar a época contemporânea. Cabe destacar que o autor, ao caracterizar essa época pela maior flexibilização, privatização, liberdade individual e aceleração e valorização do tempo, está tratando do espaço e do tempo enquanto categorias apartadas e independentes, portanto já absorvido pelos sentidos sedimentados neste mundo da técnica que pauta a relação do homem com tais fenômenos ao modo do cálculo e objetividade. Apesar de tardias, tais concepções de tempo e espaço não nos impedem de poder questionar e refletir se a liquefação descrita por ele não poderia corresponder ou expressar a completa desmedida e desenraizamento que o ser-ai experimenta nesta Era da técnica, tal como destacadas por Heidegger (1954/2007).

Como discutimos anteriormente, esta época é marcada pelo esquecimento do ser, por uma objetivação e determinação do homem que, sem pensar os sentidos, permanece na superficialidade (metafísica) e superfluidade dos sentidos dados no cotidiano, deixando-se levar pela correnteza da impessoalidade e se determinar por qualquer verdade nela compartilhada. Deste modo, o homem toma os entes, inclusive ele mesmo, como simplesmente dados e age automática e irrefletidamente de acordo com as prescrições do impessoal. Sem encontrar fundo, ele se esvazia de sentido. E, assim como os líquidos, o homem passa a ser levado, de início e na maioria das vezes, pelo ritmo compulsivo da corrente, fluindo em um devir constante, espalhando-se por todos os lugares onde acha espaço, já que não conhece forma nem finalidade e, portanto, medida. Na desmedida, o homem experimenta uma aceleração cada vez maior da sua rotina e a multiplicação das suas ocupações, pondo-se em uma cadência compulsiva de produção e desempenho.

Aproximando-nos desta maneira da metáfora dos líquidos proposta por Bauman, compreendemos o modo como o homem contemporâneo realiza sua existência no impessoal do mundo, correspondendo à provocação técnica de produção, domínio, controle, disponibilidade, asseguramento e operacionalização; seguindo ideais de produtividade, funcionalidade, eficiência, consumo e desempenho. Tomando-se como sujeito individualizado e interiorizado, segue as prescrições do mundo em um ritmo acelerado e compulsivo de “fazeção” da vida.

Considerações Finais

A compreensão da relação homem-mundo e do mundo como horizonte histórico de sentido trouxe especial contribuição para pensarmos a Psicologia para além da dualidade entre o psíquico e o social. Heidegger (1954/2007) designou como Era da técnica o horizonte de sentido que caracteriza o mundo moderno,



explicitando o mundo enquanto rede de significância no qual o ser-aí está lançado e age, de início e na maioria das vezes, absorvido no impessoal. O filósofo, nesse aspecto, descreve os sentidos e possibilidades disponíveis na cotidianidade mediana do momento histórico atual, na qual alguns modos de existência emergem como possibilidade diante das determinações e orientações sedimentadas de mundo.

Heidegger (1954/2007) quando medita sobre a questão da técnica e do pensamento calculante, mostra o homem moderno como àquele que corresponde às provocações da essência da técnica moderna, assumindo os propósitos técnico-científicos de dominação, tornando-se sujeito posicionador das coisas, mas também objeto de controle e cálculo. Segundo Duarte (2010), o filósofo parece assim desvelar a base ontológica que dá condição de possibilidade para a compreensão das relações ônticas de saber-poder que permitem ao homem se tomar como sujeito, substrato objetivado e interiorizado, cada vez mais individualizado, e ainda sujeito aos efeitos de diversas forças relacionadas aos jogos de saber-poder presentes no mundo contemporâneo, tal como descritas por Foucault (1976/2005) ao discutir o poder disciplinar e a biopolítica, por exemplo. Ao incluir Bauman na discussão acerca da época presente, destacamos que, apesar de distintas referências teóricas e metodológicas, esses pensadores refletem sobre todo esse processo de objetivação, subjetivação e individualização do homem, bem como sobre aquilo que caracteriza nosso momento histórico e o distingue de épocas anteriores. Como bem salienta Duarte (2010), não se tratou aqui de abolir as diferenças de tais análises, mas de traçar uma delicada aproximação que permitiu uma ampla compreensão do homem e dos seus modos de existência. Esses estudiosos chamam atenção, cada um a sua maneira, para a redução do sentido de homem tomado enquanto sujeito, individualizado e interiorizado, entendido separadamente do mundo e do contexto onde vive.

Portanto, a partir de uma reflexão ontológica acerca do mundo moderno, que alcançamos no diálogo com Heidegger, por meio do questionamento sobre o sentido que o fundamenta, acreditamos ter nos aproximado de uma compreensão mais originária do momento histórico atual, de muita valia para pensarmos as questões existenciais que abarcam homem e mundo indissociavelmente, saindo assim da perspectiva subjetivista, muitas vezes presente na psicologia. Com base na perspectiva de Heidegger, em diálogo com Bauman, queremos pensar uma psicologia em que o social não esteja em contraponto com o individual. Desse modo, pretende-se inaugurar um outro modo de intervenções em psicologia para além daquelas no âmbito do privado.

Refletir acerca de como se articulam modos de ser, que muitas vezes são tomados como naturalmente dados, tornou possível pensarmos em uma psicologia que, voltada para o social, possa se deslocar da tendência intimista muito própria de sua tradição. Acreditamos, desta forma, que sustentar um diálogo com autores que nos trouxeram uma perspectiva ôntica dos modos de existência assumidas nesse mundo, contribuiu para uma caracterização do horizonte histórico contemporâneo a partir das existências neles em jogo, dos sentidos, determinações e modos de ser possíveis de ser realizar no impessoal deste mundo, revelando um ritmo acelerado e uma cadência compulsiva de ação que marca o modo como a existência se realiza nesta Era da técnica.

Referências

- Bauman, Z. (1999). *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora.
- Birman, J. (2013). Subjetivações e risco na atualidade. *Revista Epos*, 4 (1), 1-24. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2013000100002
- Duarte, A. (2010). *Vidas em risco: Críticas do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Feijoo, A. M. L. C. (2014). O horizonte histórico da contemporaneidade e a clínica psicológica existencial. In: A. M. L. C. Feijoo & M. B. M. F. Lessa (org.). *Fenomenologia e práticas clínicas* (1a ed.). (pp.121-142). Rio de Janeiro: IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C. (2017). Impasses da clínica psicológica existencial em um mundo tecnocrata. In: A. M. L. C. Feijoo & M. B. M. F. Lessa (org.). *Fenomenologia e práticas de pesquisa II*. (pp. 31-50). Rio de Janeiro: IFEN.
- Foucault, M. (2005). Aula de 17 março de 1976. In: M. Bertani & A. Fontana (Eds.), *Em defesa da sociedade*. Curso no Collège de France (1975-1976). (M. E. Galvão, Trad.). (pp. 285-315). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Han, B. C. (2017). *Sociedade do cansaço* (2a ed.). (E. P. Giachini, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Harvey, D. (1994). *Condição pós-moderna* (4a ed.). São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Heidegger, M. (1959). *Serenidade*. (M. M. Andrade & O. Santos, Trad.). Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.



- Heidegger, M. (2005). *Ser e tempo* (15a ed.). (M. Sá C. Schuback, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1927)
- Heidegger, M. (2007). A questão da técnica. *Scientiae Studia*, 5(3), 375-398. doi: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006> (Original publicado em 1954).
- Heidegger, M. (2008). A questão da técnica. In: M. Heidegger *Ensaaios e conferências*. (E. C. Leão, G. Fogel & M.S.C. Schuback, Trad.). (pp. 11-38). Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. (Original publicado em 1954)
- Heidegger, M. (2010). *Fenomenologia da vida religiosa* (E. P. Giachini, J. Ferrandin & R. Kirchner, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1920)
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo, SP: Editora Barcarolla.
- Magliano, F. R. (2019). *Meditação e clínica: Uma aproximação entre filosofia e psicologia*. Rio de Janeiro, RJ: Edições IFEN.

Submetido em 11.10.2021 – Primeira Decisão Editorial em 09.12.2021 – Aceito em 12.01.2022